

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

**A CRÔNICA ENQUANTO VIA DE TRANSMISSÃO:  
a psicanálise perto de nós**

**Barbara Merigue Carro**

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da  
PUC-SP sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Talitha Ferraz.

**SÃO PAULO**

**2016**

## RESUMO

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 – PSICOLOGIA

A CRÔNICA ENQUANTO VIA DE TRANSMISSÃO: A PSICANÁLISE PERTO DE NÓS

Orientadora: Profa. Talitha Ferraz; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde; e-mail: talithaferraz@ig.com.br

Orientanda: Barbara Merigue Carro, Curso de Psicologia, e-mail: barbara\_carro@hotmail.com

O trabalho de conclusão de curso em questão surge do diálogo possível entre a literatura e a psicanálise. Ele consiste em uma reflexão e problematização aprofundada e implicada acerca do papel da crônica e do cronista enquanto dispositivos de escuta e intervenção clínico-institucional dentro de processos grupais psicanalíticos na contemporaneidade. Além disso, o trabalho propõe pensar a crônica enquanto uma via de transmissão possível da psicanálise. Entende-se que tal pesquisa se mostra relevante, tendo em vista que propõe inovar o encontro entre psicanálise e literatura, encontro este que aparece desde o início da criação da psicanálise por Sigmund Freud. Fundamentando-se na teoria e prática da psicanálise, a pesquisa em questão toma como referencial teórico obras freudianas, textos de Enrique Pichon Rivière e Gregório Barenblitt para pensar a psicanálise em grupos, bem como escritos contemporâneos de psicanalistas. Não obstante, na medida em que esta pesquisa se propõe a pensar a crônica dentro da psicanálise, recorre-se a textos de Antonio Candido e outros teóricos da literatura de modo a compreender o gênero crônica na sua história e peculiaridade constitutivas. O trabalho pauta suas reflexões e estudos a partir da experiência da autora deste enquanto cronista em uma Pesquisa Social Participativa junto da População em Situação de Rua dentro da cidade de São Paulo que teve como base e fundamentação a teoria e prática psicanalíticas. Os resultados apontam para as trocas fecundas e criativas entre a psicanálise e a literatura. Ao propor uma crônica psicanalítica, o trabalho compreende que a literatura é uma via possível de trabalho analítico da psicanálise, estando a primeira mais sensível e muito além da última no que se refere ao conhecimento dos fenômenos humanos.

**Palavras-chave:** crônica, psicanálise, literatura.

## AGRADECIMENTOS

A todos que me orientaram nos trabalhos escritos e, cada um a seu modo, me fizeram experimentar novas reaproximações íntimas com o escrever, tão singular e ao mesmo tempo tão coletivo.

Agradeço a Alejandro e Ivone, meus primeiros orientadores ainda na escola, quando uma escrita-criança se inscrevia de mim para o papel. Obrigada por me apresentarem ao mundo da escrita dissertativa científica e criativa.

Ivone, a você, um agradecimento especial por ter me apresentado pela primeira vez para a psicanálise via literatura, duas áreas do saber com as quais pretendo sempre caminhar na vida profissional e pessoal.

Agradeço à Regina por ter me ajudado imensamente na Iniciação Científica, processo em que minha escrita, penso, já tentou passos no alcance de uma escrita-menina.

E agradeço também à Talitha, minha orientadora neste Trabalho de Conclusão de Curso, por ter confiado no meu desejo de ir por um caminho desafiador, ao mesmo tempo em que familiar, pois do encontro da literatura com a psicanálise. Desconhecido, por se tratar de algo muito novo e com quase nenhuma pesquisa anterior como base. Acho que nele já consegui me aproximar de uma escrita-menina.

Agradeço à Emília e ao Jorge, por me apresentarem para a ideia e prática de uma crônica psicanalítica ao trabalhar enquanto cronista junto deles e da população em situação de rua.

Agradeço aos meus pais pelo carinho, a minha irmã pela parceria,

Ao meu namorado pelo amor.

Agradeço também a todos os escritores com os quais escrevo e que me escrevem: Freud, Borges, Mário de Andrade, Cortázar, Valter Hugo Mãe, Machado de Assis... entre tantos outros.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
I. PEQUENA HISTÓRIA DA CRÔNICA .....	9
II. A CRÔNICA PSICANALÍTICA: UMA VIA DE TRANSMISSÃO (POSSÍVEL)? .....	17
III. TRADIÇÃO E INOVAÇÃO: (IN)CONCLUSÃO .....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37

## INTRODUÇÃO

(...) A descrição da mente humana é, na realidade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ele tem sido um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica. (FREUD, 1970, p. 50).

No trecho acima, escolhido como epígrafe da introdução deste trabalho, Freud fala da importância dos escritores criativos para a psicologia em suas descrições dos fenômenos humanos. Mais que isso, o pai da psicanálise afirma ser o escritor criativo o precursor da “psicologia científica”, na medida em que toma como “seu campo mais legítimo” a “descrição da mente humana”.

Ora, a admiração de Freud pelos escritores criativos e, nesse sentido, pela literatura, perpassa toda a vida e obra freudiana. Sigmund Freud não só bebe da literatura para justificar e elucidar seu pensamento na construção da psicanálise – via metáforas, analogias e relações que estabelece com as obras literárias, como também parte dela para a elaboração de conceitos estruturais da teoria psicanalítica – sendo o principal deles o Complexo de Édipo. O conflito estrutural da psique humana para a psicanálise, o complexo edipiano, é baseado no mito do Édipo Rei, tal qual retomado por Sófocles. Nesse sentido, esses dois campos do saber: a literatura e a psicanálise encontram laços de união e de trocas fecundas e profundas.

Como sempre tive grande interesse pela literatura – sendo, assim como Freud, uma admiradora dos escritores criativos, além de ter inclusive encontrado a psicanálise pela primeira vez via literatura – escolhi desenvolver meu trabalho por meio dessa relação particular entre esses dois campos de saber.

Esta minha escolha não é nova, pois venho estudando e desenvolvendo trabalhos na interface literatura e psicanálise desde a escola. Quando estava no terceiro colegial, escolhi fazer parte de um curso opcional de Monografia.

Nele, pude encontrar a psicanálise pela primeira vez via literatura. Meu trabalho monográfico, nesse sentido, consistiu em uma análise – em chave crítica psicanalítica, do conto “Tempo da Camisolinha”, contido no volume *Contos Novos*, de Mário de Andrade.

Já na faculdade de Psicologia da PUC-SP, pude continuar a percorrer o caminho de estudos nas descobertas de encontros possíveis entre literatura e psicanálise e, assim, realizei uma Iniciação Científica na qual analisei – mais uma vez em chave crítica psicanalítica, um conto de Jorge Luis Borges denominado “As Ruínas Circulares”, contido no volume *Ficções*.

Desta vez, seguindo a caminhada de pesquisa das ricas e criativas relações entre literatura e psicanálise, busco em meu trabalho de conclusão de curso (TCC) pensar a crônica enquanto via de transmissão da psicanálise, refletindo e problematizando o dispositivo da crônica e do cronista, bem como o lugar que ocupam dentro de um processo grupal clínico-institucional psicanalítico.

Minha inspiração para a escolha deste tema de trabalho de conclusão de curso decorre de uma experiência profissional enquanto cronista que tive durante o ano de 2015. A convite do psicanalista e professor da PUC-SP, Jorge Broide, eu trabalhei com uma equipe técnica contratada pela SUR Clínica e Intervenção Social em uma Pesquisa Social Participativa junto da População em Situação de Rua.

A Pesquisa, em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo, tinha como objetivo subsidiar o Comitê Intersetorial da Política Municipal para População de Rua – Comitê Pop Rua na elaboração do Plano Municipal para a População em Situação de Rua de São Paulo, bem como ajudar na construção de políticas públicas para essa população em situação de extrema exclusão e vulnerabilidade social.

Dentro desta Pesquisa, trabalhei na função de cronista, com a tarefa de escrever em forma de crônicas todos os encontros que tinha com a população em situação de rua de São Paulo. A equipe técnica era formada por quatro psicanalistas, sendo dois deles, Emília Estivalet Broide e Jorge Broide, os

criadores da Pesquisa; três jornalistas da PONTE; e quatro estagiários de Psicologia da PUC-SP na função de cronistas.

A partir desse trabalho enquanto cronista pude perceber a importância da crônica e desta função particular de cronista dentro de trabalhos clínico-institucionais grupais de viés psicanalítico. Ao longo do ano de trabalho na Pesquisa, senti então que precisava realizar meu trabalho de conclusão de curso (TCC) a respeito deste dispositivo peculiar, criativo e inventivo: *a crônica psicanalítica*.

O desejo surgiu ao sentir e vivenciar a potência do papel do cronista e da crônica dentro de um trabalho psicanalítico de clínica grupal e, assim, entender ser fundamental produzir conhecimento a respeito deste dispositivo, de modo a fazer com que ele possa circular pelas bocas, olhos e ouvidos dos psicanalistas, para instigá-los na constante atualização da psicanálise grupal na contemporaneidade.

Desta forma, meu trabalho de conclusão de curso irá transitar na interface entre psicanálise e literatura, refletindo e problematizando a ideia de uma *crônica psicanalítica*, bem como a função do cronista dentro de trabalhos grupais clínico-institucionais e de viés psicanalítico. Mais ainda: o trabalho busca pensar na possibilidade da crônica enquanto via de transmissão da psicanálise.

Para isso, estruturei o trabalho em três capítulos. No primeiro, denominado “Pequena história da crônica”, realizo uma sintética retomada histórica do gênero crônica na literatura, com ênfase no modo particular como ela se desenvolveu no Brasil. A ideia é apresentar a peculiaridade deste gênero literário, para que então se possa pensá-lo dentro do contexto de um trabalho grupal psicanalítico e mais, para refletir a respeito das diferenças e semelhanças da crônica literária com a *crônica psicanalítica*, como aqui está denominada.

No segundo capítulo, chamado “A crônica psicanalítica: uma via de transmissão (possível)?”, apresento brevemente de onde surgiu a ideia da crônica psicanalítica e problematizo a função da crônica e do cronista dentro de

um trabalho grupal psicanalítico, pensando tais lugares na relação de alteridade com a função do coordenador do grupo.

Neste capítulo, trabalho com a ideia de uma escuta inscrita em escrita do cronista, que auxilia e torna mais complexa a constante análise e interpretação do processo grupal por parte do coordenador, bem como penso no papel da transferência via crônica e cronista.

No terceiro e último capítulo, denominado “Tradição e inovação: (in)conclusão”, procuro pensar na *crônica psicanalítica* enquanto, ao mesmo tempo, tradição e inovação da psicanálise. Para tal, dou exemplos da importância da literatura na psicanálise, aponto para momentos na obra freudiana (na escrita dos casos clínicos) em que o pai da psicanálise se depara com uma escrita menos científica que literária, bem como em trechos nos quais Freud assume sua admiração pelos escritores criativos.

Além disso, neste capítulo, trabalho com a ideia da escrita na psicanálise, pensando na *ficção* – da escrita, da fala do sujeito, da memória – enquanto ponto de intersecção da literatura e da psicanálise. Assim, ao final, coloco a possibilidade da *crônica psicanalítica* enquanto via de transmissão da psicanálise.

## I. PEQUENA HISTÓRIA DA CRÔNICA

A crônica não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. **Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus' – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (grifos meus).** (CANDIDO, 2011, p. 13).

O conceito de gênero literário nunca foi consenso dentro da teoria e crítica literárias e sofreu duras críticas ao longo da História. De acordo com Afrânio Coutinho (1976), de entidades absolutas, puras, fixas e hierarquizadas (havia os chamados gêneros nobres e aqueles considerados inferiores) durante o período neoclássico, os gêneros da literatura passaram por um processo de transformação a partir do Romantismo.

Em defesa das liberdades individuais e da criação, os românticos criticaram a rigidez atribuída aos gêneros literários e fizeram nascer outros, novos (surge nesta época o romance, o drama e a tragicomédia), bem como afirmaram a existência dos gêneros mistos. Outrora houve a completa negação dos gêneros da literatura. Estes passaram a ser considerados conceitos vazios de sentido. Entretanto, posteriormente, passou-se a reconhecer a importância dos gêneros literários e, então, estes passaram a ter uma legitimidade: “Compreendeu-se que os gêneros não são limitados em número, e que sofrem mudanças ou transformações; que podem alguns desaparecer e novos surgir; que podem se misturar numa mesma obra (...)”. (COUTINHO, 1976, p. 22).

Contemporaneamente os gêneros literários são muito importantes não só enquanto instrumento para o conhecimento histórico e para a interpretação do fenômeno da literatura, mas também para a metodologia de ensino do curso de Letras. “Os gêneros oferecem ao ensino literário um meio de abordagem do fenômeno, uma porta de entrada para a literatura”. (COUTINHO, 1976, p. 25).

O autor cita A. Warren enquanto aquele que melhor expressa o que são os gêneros:

Os gêneros, diz ele, não são um simples nome, [...]. **São instituições imperativas, que exercem pressão sobre o escritor, e são por ele também pressionadas e modificadas.** São os princípios de ordem e classificação, segundo os quais a literatura é dividida em tipos literários de organização e estrutura. Representam uma soma de artifícios estéticos, à disposição do escritor e inteligíveis ao leitor. São convenções estéticas de que a obra participa, modelando-lhes a forma e o caráter. **(grifos meus).** (COUTINHO, 1976, p. 22 e 23).

Assim, pode-se pensar nos gêneros de literatura de maneira fluida e dinâmica, pois sempre em movimento. Movimento este que vai dos gêneros para os escritores, dos escritores para os gêneros e dos gêneros para os leitores. Nesse sentido, os gêneros modificam e, ao mesmo tempo, são modificados pelos escritores e são eles que conferem à obra do escritor uma estética própria – com forma e conteúdo (pensando que estes sempre andam juntos e mais, que um constitui o outro) estruturados de modo particular.

Dentro do conceito de gêneros literários, Coutinho (1976) vai abordar os chamados *gêneros ensaísticos*. Sobre eles, destaca:

O autor dirige-se ao leitor ou ouvinte valendo-se do método direto, ao invés do indireto, que usou nos demais gêneros (ficção, drama, lirismo). **Estes tipos que resultam dessa operação podem ser: o ensaio, a crônica, o discurso e o sermão, a carta, as memórias, o diário, as máximas. São gêneros ensaísticos ou discursivos, como aqui são concebidos e englobados. (grifos meus).** (COUTINHO, 1976, p. 76).

Deste modo, o autor coloca a *crônica* enquanto um *gênero ensaístico*. No entanto, antes de começar a abordar mais especificamente a crônica e seus meandros, mostra-se relevante discorrer mais detidamente sobre o *ensaio* para caracterizar o grupo em questão. Coutinho (1976) afirma que de acordo com a etimologia da palavra, o *ensaio* se revela enquanto uma *tentativa*, se faz a partir da *experiência* e aponta para o *inacabamento*. Além disso, enfatiza que o *ensaio* se caracteriza pelo tom *coloquial, íntimo e familiar*.

Afrânio Coutinho ressalta que a essência do ensaio se encontra na linguagem oral, na palavra falada. O ensaísta, nesse sentido, se assemelha ao orador, que transmite diretamente o pensamento pela palavra. Ele pode descrever, narrar, argumentar e expor. Pode usar do sermão, diálogo, monólogo, crônica, pois não possui uma forma fixa. Revela uma experiência humana ante o impacto da vida. É um gênero individual, elástico, flexível, interpretativo, e curto, permitindo uma liberdade maior na sua forma e conteúdo. “Os ensaístas sentam-se e observam o espetáculo da vida, às vezes se divertem com ele, ou dele motejam ou moralizam a seu respeito. Tudo o que é humano lhes interessa”. (COUTINHO, 1976, p. 78).

Contudo, Coutinho revela que, mais recentemente, a palavra ensaio vem apresentando uma extensão de seu sentido original livre e desprezioso. Tem-se usado a palavra ensaio para falar sobre estudos críticos, filosóficos, históricos, científicos, etc.

É só então que o autor passa a falar sobre a *crônica*. Ele afirma que em paralelo às mudanças e ampliações de sentido da palavra ensaio, a palavra crônica também sofreu modificações. “O sentido tradicional do termo decorre da sua etimologia grega (*khronos* = tempo): é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica”. (COUTINHO, 1976, p. 80).

Davi Arrigucci também vai lembrar-se da relação entre a crônica e o tempo, contida na própria palavra crônica, que remete à *chronos*:

Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. **Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo. [...] Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. (grifos meus).** (ARRIGUCCI, 2001, p. 51).

O autor vai afirmar que, inicialmente, a crônica era fundamentalmente histórica e, desta forma, foi uma precursora da historiografia moderna. Além disso, vai pensar que a crônica, enquanto um possível testemunho de uma vida

e mais, da História, faz do cronista um artífice da experiência, transformando-a em narrativa.

Coutinho (1976) coloca que o sentido da palavra crônica enquanto gênero histórico prevaleceu e ainda prevalece nos diversos idiomas, menos no português. No Brasil, o gênero crônica tem uma especificidade, um desenvolvimento e uma importância singulares que as faz poder ser considerada até mesmo enquanto um gênero brasileiro, como afirma Antonio Candido em “A Vida ao rés do chão”:

**No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu.** Antes de ser crônica propriamente dita foi ‘folhetim’, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (CANDIDO, 2011, p. 15).

Assim, Antonio Candido nos apresenta em poucas palavras o desenvolvimento e transformação da crônica no Brasil. A crônica brasileira possui estreita relação com o jornalismo. Contudo, o autor atenta para o fato de que a crônica não nasce junto com o advento do jornal, mas apenas quando este se tornou cotidiano e acessível, há mais ou menos 150 anos atrás.

Como aponta Candido, a crônica nasce do “folhetim”. Nesse sentido, ela se caracteriza pela efemeridade do dia a dia. Para explicar o que é a crônica a partir do folhetim, Afrânio Coutinho nos apresenta um trecho de Machado de Assis:

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consociado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como polos, heterogêneos como a água e o fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal. (ASSIS apud COUTINHO, 1976, p. 81).

De acordo com Coutinho, a crônica no Brasil se inicia com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. E a partir de

então ela se mostra nos diversos autores: Machado de Assis, José de Alencar, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, entre outros. E é a partir do romantismo que a crônica assume um papel de grande importância na literatura brasileira. O escritor Rubem Braga aparece na história da literatura do Brasil enquanto fundamentalmente cronista.

Além disso, Coutinho afirma que a crônica brasileira ajudou na diferenciação da língua entre Portugal e Brasil, pois estando esta ligada à vida cotidiana, a crônica se utiliza da linguagem coloquial, a linguagem falada. “Realmente, se algo existe em nossa literatura, que pode ser tomado como exemplo frisante da nossa diferenciação literária e linguística, é a crônica”. (COUTINHO, 1988, p. 304 e 305).

A crônica, aparecendo no período de modernização do país, acabou abarcando em sua forma e conteúdo o que são as contradições e a complexidade daquele momento histórico.

**(...) a crônica se convertia num meio de mapear e descobrir um país heterogêneo e complexo, largamente desconhecido de seus próprios habitantes, caracterizado pelo desenvolvimento histórico desigual,** de modo que o processo de modernização podia ser acompanhado pelos contrastes entre bolsões de prosperidade e vastas áreas de miséria, e o próprio mundo moderno parecia nascer de mistura com traços remanescentes de velhas estruturas da sociedade tradicional. **(grifos meus)**. (ARRIGUCCI, 2001, p. 63).

Arrigucci (2001) afirma que deve-se pensar a crônica moderna na sua vinculação com o jornal e a imprensa. Contudo, aponta que no Brasil, a crônica não pode ser reduzida a esta vinculação jornalística. O autor relembra que muitos dos escritores brasileiros ganharam fama enquanto cronistas e que a crônica se apresenta enquanto um fato da modernidade.

**Compreendida desse modo, a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo**

**industrial e em seus espaços periféricos.** À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ele parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. **(grifos meus).** (ARRIGUCCI, 2001, p. 53).

Afrânio Coutinho (1976) aponta que existem diversos tipos de crônica dentro da literatura brasileira. Entre eles está: *a crônica narrativa*, que tem como foco uma história, o que a faz se aproximar do conto; *a crônica metafísica*, que aborda temas e reflexões filosóficas sobre os acontecimentos; *a crônica-poema em prosa*, envolta de lirismo; e *a crônica comentário*. Antonio Candido (2011) coloca mais alguns outros: as que são diálogos, as que parecem anedotas e as que apresentam caráter de ficção.

Davi Arrigucci também se debruça sobre essa heterogeneidade de formas nas quais a crônica pode se assentar. Ele enfatiza a efemeridade deste gênero literário, que fala das miudezas do cotidiano da modernidade e revela que nessas miudezas, pode acabar encontrando um meio de escrever a mais profunda poesia.

Arrigucci ainda coloca que o cronista pode tornar sua linguagem mais ambígua, bem como ampliar as fronteiras do gênero crônica – sem que este perca sua especificidade de tratar do evento miúdo e cotidiano, de modo a tentar ultrapassar a efemeridade própria da crônica.

No texto “A vida ao rés do chão”, Antonio Candido discorre sobre as características peculiares da crônica no Brasil. Ele afirma que a crônica é um gênero menor e que, deste modo, ao rés do chão, fica próxima de nós. Nesse sentido, o autor atribui ao gênero um caráter familiar, próprio da linguagem coloquial do dia a dia. Além disso, enfatiza sua potência de humanização:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. **Na sua despreensão, humaniza; e essa humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma**

**certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (grifos meus).** (CANDIDO, 2011, p. 13 e 14).

Pensando na diferença entre a crônica e os outros gêneros, Candido reflete que aqueles cuja linguagem é mais rebuscada e pomposa acabam podendo efetuar um disfarce da realidade e da *verdade*. Ao contrário, ele coloca que a crônica está sempre contribuindo a instaurar ou reinstaurar a dimensão das pessoas e das coisas. “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”. (CANDIDO, 2011, p. 14).

Antonio Candido afirma que a crônica, tendo nascido do jornal onde tudo é efêmero, não pretende durar. Ele nos dá a imagem dessa efemeridade quando diz que a crônica é uma publicação que se compra e no dia seguinte se usa para ferrar o chão da cozinha ou para embrulhar sapatos. Ao mesmo tempo, por caber tanto na vida do dia a dia, consegue fazer a literatura se aproximar do ser humano.

Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés do chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um. (CANDIDO, 2011, p. 14).

Não obstante, o autor coloca que, mesmo sem pretensões de durar, a crônica pode acabar durando muito mais do que ela esperaria que acontecesse. E aponta que talvez isso ocorra por ela ser despretensiosa, insinuante e reveladora. Além disso, ela: “(...) ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios”. (CANDIDO, 2011, p. 15).

Candido (2011) ainda enfatiza a importância da crônica ser breve, trazer em si a simplicidade, leveza e certa graça. Ele revela que talvez, por serem leves é que elas conseguem acessar mais profundamente uma visão humana e

uma crítica social. Nesse sentido, o autor nos faz refletir sobre a falsa ideia de que as coisas leves são superficiais e, ao contrário, as sérias, são graves. Assim, nos acorda para a ideia de que o divertimento nos faz aprender muito.

Ao final do texto, Candido coloca um trecho de uma crônica de Paulo Mendes Campos, denominada “Ser brotinho”. Em seguida, reflete se “ser brotinho” não é, em certa medida, ser cronista “(...) dando aos objetos e aos sentimentos um arranjo tão aparentemente desarranjado e na verdade tão expressivo, tirando significados do que parece insignificante”. (CANDIDO, 2011, p. 22).

A crônica é um gênero discursivo que por trás da miudeza da narrativa de fatos cotidianos e uma aparente insignificância, revela ao leitor algo que permanece invisível para a maioria das pessoas. Assim, a partir da interpretação subjetiva do escritor, que faz emergir o que antes permanecia oculto, a crônica é capaz de ajudar as pessoas a compreender com mais profundidade o que se passa à sua volta.

A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, as coisas, os seres. **O cronista é um solitário com ânsia de comunicar-se. Para isso, utiliza-se literariamente desse meio vivo, insinuante, ágil, que é a crônica. (grifos meus).** (COUTINHO, 1976, p. 83).

Em resumo, a crônica é um tom menor. Ela é efêmera, mas ao mesmo tempo profunda. É despretensiosa e ainda assim, insinuante e reveladora. Tem uma simplicidade e naturalidade próprias do cotidiano e, contudo ou, por isso mesmo, consegue se aproximar da *verdade*.

## II. A CRÔNICA PSICANALÍTICA: UMA VIA DE TRANSMISSÃO (POSSÍVEL)?

O discurso psicanalítico redimensiona o lugar da palavra, subverte. Possibilita que a palavra, perpassada por alguma objeção ao sentido corrente, adquira sua dimensão de dito e de dizer, de enunciado e de enunciação, ou seja, de imprevisto, de abismo. A escuta do psicanalista parte, então, do reconhecimento desse abismo que a linguagem opera e que introduz o corte, a castração. O algo transmissível do discurso psicanalítico põe em evidência, a partir desse corte, o saber como não todo; expõe um resto que escapa a um saber totalizante sobre um caso, um diagnóstico, uma questão institucional instaurando um desejo de saber. (BROIDE; BROIDE, 2015, p. 150).

Após situar muito brevemente a crônica literária em seu percurso histórico, mais especificamente na sua história dentro do contexto brasileiro, além de discorrer um pouco acerca do gênero crônica e suas peculiaridades, bem como possibilidades, procuro agora pensar na crônica enquanto um dispositivo psicanalítico de escuta clínico institucional. E mais, enquanto via possível de transmissão da psicanálise.

Ora, a contemporaneidade convoca a psicanálise – em seu saber particular, porém, constantemente tensionado por outros saberes – a avançar em uma práxis que se renova tendo em vista a amplitude de áreas de atuação do psicanalista para além da clínica situada no espaço do consultório individual. “A práxis analítica sustenta-se no compromisso do psicanalista com a experiência do inconsciente que preside a sua formação e transmissão, via transferência”. (BROIDE; BROIDE, 2015, p. 147).

Assim, pretendo refletir e problematizar a ideia de uma *crônica psicanalítica*, bem como a função do *cronista* dentro de um trabalho clínico grupal. Contudo, antes de iniciar essas reflexões e problematizações se faz necessário apontar resumidamente da onde surgiu a ideia da *crônica psicanalítica*.

“A elaboração em relação à função do cronista é, de certa forma, um legado de Pichon-Rivière em sua concepção de observador em grupos operativos”. (BROIDE; BROIDE, 2015, p. 55). Em *O Processo Grupal*, Pichon-Rivière coloca que a equipe de coordenação conta com um coordenador e um ou mais observadores.

O coordenador cumpre no grupo um papel prescrito: o de ajudar os membros a pensar, abordando o obstáculo epistemológico configurado pelas ansiedades básicas. [...] Seu instrumento é a assinalação das situações manifestas e a interpretação da causalidade subjacente. **Integra-se numa equipe com um observador, geralmente não participante, cuja função consiste em recolher todo o material, expresso verbal e pré-verbalmente no grupo, com o objetivo de realimentar o coordenador, num reajuste das técnicas de condução. (grifos meus).** (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p. 174).

Tendo em vista que os grupos operativos são grupos *centrados na tarefa*, a finalidade destes está colocada em uma tarefa grupal. Esta, por sua vez, vai depender do campo em que determinado grupo opera, e se constrói no aqui-e-agora de cada grupo operativo a partir de um denominador comum que une as pessoas ao mesmo.

Pichon-Rivière vai apontar a existência de duas dimensões da tarefa: uma que se apresenta de forma explícita no grupo operativo e outra que se esconde, permanecendo implícita na situação grupal.

A técnica de grupos por nós criada, chamada de *grupos operativos*, caracteriza-se por estar centrada, de forma explícita, numa tarefa que pode ser a aprendizagem, a cura (neste sentido, abrange os grupos terapêuticos), o diagnóstico das dificuldades de uma organização profissional, a criação publicitária, etc. A esta tarefa subjaz outra, implícita, que aponta para a ruptura, através do esclarecimento dos modelos estereotipados que dificultam a aprendizagem e a comunicação, significando um obstáculo a toda situação de progresso ou mudança. (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p. 173).

Nesse sentido, cabe ao coordenador do grupo operativo sinalizar aos membros a tarefa explícita e interpretar o que seria uma hipótese de tarefa implícita, ou seja, acontecimentos grupais que não estão manifestos no grupo e que podem funcionar como um obstáculo para a tarefa na qual este consiste.

Enquanto isso, ao observador, que não participa verbalmente durante a reunião do grupo, cabe a função de recolher tanto o material verbal quanto o pré-verbal emergente no contexto grupal, com o intuito de ajudar o coordenador na elaboração constante de uma análise clínica do processo do grupo. “A equipe de coordenação, integrada pelo coordenador e pelo observador, cada um em seu papel específico, [...] detecta as situações significativas (emergentes) que a partir do explícito remetem, como sinal, a formas implícitas de interação”. (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p. 246).

Pichon-Rivière (2009) aponta que os processos transferenciais do grupo devem ser atentamente analisados pelo observador, com o intuito de devolver ao coordenador uma imagem mais completa e complexa da dinâmica grupal, que por sua vez, deve centrar-se na tarefa. Baremlitt (1986) vai colocar ainda que o observador, permanecendo em silêncio, serve de tela projetiva para os membros do grupo operativo.

Ora, o cronista, assim como o observador, permanece silencioso, tendo como tarefa recolher o material expresso verbalmente e pré-verbalmente no grupo, atentando para os processos de transferência, bem como servindo de tela de projeção. A escrita da crônica, por sua vez, vai revelar a própria transferência do cronista no processo grupal.

No senso comum, o cronista é aquele que escreve uma narrativa do cotidiano, baseado em suas impressões e visão. A função que propomos para o cronista no trabalho psicanalítico com grupos é a de instaurar a escuta clínica nos grupos como aporte metodológico que entrelaça a escuta à escrita, colocando em relevo a palavra. O cronista tem a tarefa de escrever de maneira absolutamente livre o que ocorre no dispositivo grupal, através de uma narrativa pautada por sua própria transferência. (BROIDE; BROIDE, 2015, p. 54).

Contudo, o cronista também analisa a dinâmica institucional, atravessada pela estrutura de poder, revelada nos discursos dos sujeitos. “Nesse sentido, o cronista transgredir a rigidez da posição de observador para poder transitar mais livremente em seu entendimento e interpretação do grupo”. (MIRANDA et al, 2006, p. 2 e 3).

Além disso, o cronista inscreve sua escuta em uma escrita *particular*: na escrita da crônica. Assim, o cronista incrementa a função do observador, na medida em que não apenas permanece silencioso durante o grupo, mas também escreve, em associação livre, uma crônica de cada encontro grupal.

Assim sendo, o cronista, mesmo calado, inscrevendo sua fala apenas no papel, está implicado na *transferência grupal* tanto quanto o coordenador-analista o está. Deste modo, ambos devem atentar para a relação transferencial do grupo e seus possíveis sentidos - *inconscientes*.

O sujeito vai apresentar, frente ao analista, uma série de atitudes, idéias etc. que já teve antes. A transferência, digamos, tem uma repetição visível, descritível, consciente. Mas ela é predominantemente inconsciente e deve ser reconstruída. O que se repete deve ser 'descoberto' como tal. (BAREMBLITT, 1991, p. 30).

Deve-se compreender a transferência enquanto um fenômeno universal, tal qual Freud a entendia. Fenômeno este que se repete em todas as relações humanas, não ficando restrito à relação analítica. "Onde há sujeito psíquico, em todas as atividades humanas, há transferência. O sujeito psíquico é 'movido a transferência', como se diz de um carro que é movido a álcool ou gasolina". (BAREMBLITT, 1991, p. 30).

Nesse sentido, a relação transferencial grupal estará inscrita de forma manifesta (explícita) e latente (implícita) na escrita da crônica. Enquanto que, no caso do coordenador-analista, a transferência do grupo é por ele interpretada.

(...) a transferência é um processo de adjudicação de papéis inscritos no mundo interno de cada sujeito. Os indícios das diferentes adjudicações devem ser decodificados, e a interpretação consiste nessa decodificação: ou seja, a transformação do implícito, do inconsciente, em consciente. (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p. 223).

Pichon-Rivière (2009) vai afirmar que a estrutura em que o grupo interage propicia e fomenta que fantasias inconscientes emerjam. Desta forma, ele coloca que a interpretação deve favorecer a emergência destas fantasias inconscientes individuais e grupais.

Ainda sobre a interpretação, Baremlitt (1986) vai dizer que ela é sempre uma hipótese, ou seja, uma fantasia a respeito das fantasias grupais.

As interpretações serão hipóteses, 'fantasias sobre as fantasias do grupo', que terão sua confirmação na aparição de um novo emergente que permita ao grupo a passagem a uma situação capaz de enfrentar o medo básico predominante. (BAREMLITT, 1986, p. 199).

Não obstante, Baremlitt (1986) aponta que toda a interpretação é transferencial, mas que no caso dos grupos operativos, o que se interpreta não é o vínculo com o analista e sim com a tarefa grupal na qual todos, a partir de seus diferentes papéis, estão comprometidos.

Em termos gerais, é importante assinalar que a técnica de grupo operativo leva em consideração os processos de interação grupal em função da relação dos integrantes do grupo com a tarefa. A abordagem dos processos transferenciais contidos na interação grupal deverá levar em conta esta relação básica: grupo-tarefa. (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p. 228).

Ora, assim como o cronista e o coordenador-analista estão implicados na transferência grupal – mas esta vai se desvelar e se expressar de diferentes formas a partir do lugar e função particular em que cada um deles se encontra – tanto o cronista quanto o coordenador-analista estão escutando o grupo pela via da *atenção flutuante*.

No entanto, enquanto a escuta psicanalítica – em atenção flutuante – do coordenador-analista certa hora se desvela em interpretação, ou seja, em uma intervenção pela fala que emerge na forma de “corte” do discurso do analisando, na tentativa de instaurar nesta um lugar de alteridade, a escuta do cronista – também psicanalítica e, por isso, em atenção flutuante – se dirige, em um primeiro momento, a uma escrita: “(...) a escuta do cronista não se destina a uma intervenção direta, falada, mas intermediada pela escrita e pelo coordenador do grupo – o que a torna inquietante: ela se dirige primeiramente ‘ao papel’”. (MIRANDA et al, 2006, p. 3).

Nesse sentido, pode-se pensar na escrita como *outra* posição de escuta psicanalítica. Uma escuta que permanece no silêncio na dimensão da fala, mas

que via escrita se inscreve e, por meio dela, fala. O cronista, sem se preocupar em ter que intervir diretamente no grupo, pode ficar mais solto e aberto a testemunhar por outras vias as manifestações dos não-ditos, dos sintomas, da transferência, das resistências e dos fantasmas inconscientes presentes no grupo. E escrever de forma livre e subjetiva essa dinâmica – tal qual a psicanálise a entende – no papel.

Escrever é imprimir uma marca que fala de uma pertença de algo que concerne ao sujeito, algo que lhe é próprio, a tarefa de escrever em associação livre, deixando fluir a cadeia significante entre os dedos em direção ao papel. Em contato com nossa atenção flutuante o que se imprime, não é o imediatamente óbvio, mas o resto: o não-dito, o não-visto, o não-compreendido. A crônica, portanto, é principalmente um espaço de registro dos movimentos grupais e oferece aos consultores/coordenadores vias diferentes de compreensão e intervenção, a partir do levantamento do material clínico. (MIRANDA et al, 2006, p. 4).

Pode-se dizer, então, que o cronista, ao atentar para o resto: os não-ditos, não-compreendidos e não-vistos, acaba por vezes fazendo o papel de *porta-voz* nos grupos operativos.

Baremlitt (1986) vai definir o que é o *porta-voz*:

(...) é aquele que sendo depositário da ansiedade grupal, aparece, no grupo, expressando-a de diversas maneiras (através de palavras, atos ou silêncios). Nele se inclui uma interação entre sua verticalidade e a horizontalidade do grupo, o que lhe permite ser um emergente qualificado para denunciar qual é a ansiedade predominante que está impedindo a tarefa. (BAREMLITT, 1986, p. 190).

Assim, o *porta-voz* é aquele que denuncia um acontecimento grupal, movido de fantasias inconscientes. É ele quem anuncia algum não-dito, antes implícito, latente, para a dimensão manifesta, explicitando-o. “Mas o *porta-voz* não fala só por si, mas por todos; (...)”. (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p.179). Nesse sentido, o *porta-voz* é quem, em determinado momento, é capaz de falar pelo grupo, sobre o grupo, para o grupo.

Retomando a questão da escuta, vale ressaltar que, em ambas as escutas, na do cronista e na do coordenador-analista, o que está em foco é a *palavra*. Palavra esta que nos permite o acesso ao inconsciente. Inconsciente

que, por sua vez, é a via pela qual a psicanálise opera a sua clínica. Contudo, enquanto o coordenador-analista escuta o grupo, o cronista, em silêncio, escuta ambos, o grupo e coordenador-analista:

A escuta do cronista, pelo tanto que necessita aprender a verdadeiramente escutar sem intervir, ou seja, aprender a calar é 'estrangeira', porque aparentemente fora de cena agrega outras funções que não estão presentes na clínica individual, onde escutamos ao paciente e atentamos ao nosso próprio inconsciente. **O que acabamos por fazer é a escuta da escuta do analista!** A transferência, nesse caso, é massiva e carregada de significantes! É uma experiência rica, mas também desestabilizadora. **(grifos meus)**. (MIRANDA et al, 2006, p. 5).

O cronista inscreve sua “escuta da escuta” do analista numa escrita. Durante o processo grupal, o cronista escreve sua crônica em associação livre, via atenção flutuante. Contudo esta ainda não é a crônica que fica. Esta não é a crônica que será *transmitida*.

Os grupos operativos abarcam um pré-grupo e um pós-grupo. Neles, o coordenador, o(s) cronista(s) e demais integrantes da equipe se reúnem para a elaboração do material grupal.

O cronista deverá, após a reunião do grupo (no pós-grupo), expor para o coordenador e demais integrantes da equipe suas impressões sobre o acontecer grupal. Num segundo momento, ao digitar e enviar ao coordenador e ao outro cronista (caso o grupo tenha dois) esse relato, uma nova elaboração é feita. Essa crônica serve de elemento disparador da conversa entre coordenador e cronistas em mais um dispositivo de elaboração do material grupal no pré-grupo (reunião de cronistas e coordenadores antes do novo grupo). (BROIDE; BROIDE, 2015, p. 55).

Da crônica bruta, escrita no momento do encontro grupal, o cronista tem um trabalho a mais. Um trabalho de reelaboração escrita. Neste, o cronista não só escuta a escuta do analista, mas a sua “escuta da escuta” do analista. Ao ler o que escreveu, ou melhor, ao se ler, o cronista se depara com a *inquietante estranheza*. Isso, pois para que possa se ler, o cronista opera um distanciamento com relação à própria escrita.

Após a escrita da crônica, o ato de ler causa um estranhamento e produz reflexões. O produto final do registro, a crônica que finalmente enviamos aos colegas e consultores já é fruto do distanciamento, da

construção de um lugar de onde queremos ser lidos. (MIRANDA et al, 2006, p. 5).

Ora, nesse sentido, a crônica que será transmitida ao coordenador e à equipe técnica do grupo operativo já fala do lugar no qual o cronista quer ser lido e escutado. A crônica reelaborada pelo cronista antes de ser entregue aos colegas de trabalho não fala apenas de vivências com relação ao grupo e seu processo, mas também é preenchida com elaborações e reflexões teóricas, citações poéticas e literárias, trechos musicais e tudo o mais de criativo e significativo com que o cronista pode pegar emprestado para dar sentidos possíveis às suas vivências singulares.

Nesse sentido, é necessário visitar e revisitar autores, pôr em debate e tensão diferentes campos do saber tanto do percurso dos cronistas quanto das referências advindas a partir da escuta dos grupos. Portanto, a singularidade de cada cronista compõe um mosaico testemunhal rico e desbravador que constitui o acontecer grupal. (BROIDE; BROIDE, 2015, p. 55).

Ao final, quando a crônica está pronta para ser lida, ela será *transmitida*. Ora, a psicanálise entende que o que se transmite não é só o que está lá, o que é sabido e manifesto, mas também o não-sabido, o inconsciente. Por isso, a crônica transmite mais do que ela mesma imagina transmitir, para além do que nela está escrito. A cada leitura por outro sujeito se desdobram outros sentidos – inconscientes!

A informação que um grupo recebe é maior do que a que ele mesmo pode verbalizar, e isto é válido também para seus integrantes considerados individualmente; em outros termos, sempre se aprende mais do que se pensa, do que se pode demonstrar verbalmente ou declarar conscientemente. (BLEGER, 2011, p. 89).

Assim, a escrita da crônica, ao mesmo tempo em que é tão íntima, pessoal e singular, ao ser transmitida, tornando-se pública, vira coletiva, pois fala de um grupo e é lida por um. A crônica, nesse sentido, é paradoxalmente solitária e solidária.

### III. TRADIÇÃO E INOVAÇÃO: (IN)CONCLUSÃO

(...) os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD, 1970, p. 18).

Ora, a ideia de uma crônica psicanalítica faz pensar no litoral que existe entre os campos da psicanálise e da literatura. Tal qual uma linha formada pela marca da onda do mar, a ideia de litoral se faz nesse movimento constante do ir e vir das ondas que ora ultrapassam a linha delineada na areia, ora não a alcançam e, por vezes, param exatamente no local demarcado pela linha – permanecendo na fronteira.

Dentro do que poderia ser considerado enquanto fronteira entre a psicanálise e a literatura, Mango e Pontalis (2013) refletem:

Por caminhos decerto diferentes, por vezes divergentes, mediante procedimentos próprios a cada uma delas, não visam ambas a um mesmo objeto, ou seja, explicar a complexidade da alma humana, detectar o que nela há de conflituoso, perturbador, obscuro? (MANGO; PONTALIS, 2013, p. 9)

Assim, ambas, literatura e psicanálise – cada qual a seu modo singular, falam da alma humana, ou, simplesmente, do ser humano na sua complexidade. Nesse sentido, elas podem encontrar laços em comum. “O próprio Sigmund Freud aponta diversas vezes em sua obra essas interpenetrações, fazendo com que se torne claro o quanto ele e a psicanálise devem à literatura”. (CARRO, 2015, p. 12).

O litoral existente entre a literatura e a psicanálise aparece desde o início da construção da psicanálise por Sigmund Freud. O pai da psicanálise foi um leitor assíduo das obras literárias, um forte admirador dos escritores

criativos, além de ter incorporado grandes mitos e escritos literários para a criação de conceitos fundamentais da teoria psicanalítica.

Mas Freud não só bebeu da literatura para construir sua teoria como também encontrou nela um modo de legitimar a psicanálise em suas ideias e descobertas chocantes para a sociedade vitoriana daquele momento histórico:

Lacan, por sua vez, vai afirmar que Freud encontra na arte – principalmente na literatura – um modo de legitimar o inconsciente. Naquele momento histórico regido pela razão, a ideia da existência de um inconsciente – psicanalítico – poderia facilmente ser concebida como absurda, de modo que a arte literária, circulando pela cultura, apareceria como possível alicerce para o reconhecimento deste. (CARRO, 2015, p. 12).

Nada mais persuasivo do que incorporar o mito do Édipo Rei, tal qual retomado por Sófocles, enquanto metáfora do que será o conflito estrutural e estruturante da psique humana: o Complexo de Édipo.

É em torno de Édipo, de sua lenda, de sua retomada pela tragédia de Sófocles e pelo Hamlet de Shakespeare, que Freud vislumbra pela primeira vez uma aliança fundadora entre a psicanálise e a literatura: o conflito constitutivo da psique humana, que Freud denominará 'complexo de Édipo', é igualmente o núcleo do mito e da tragédia de Sófocles. [...] Freud descobre as possibilidades de enriquecimento mútuo que, dessa forma, se descortinam entre a criação literária e a psicanálise. (MANGO; PONTALIS, 2013, p. 222).

Apenas tomando o exemplo do Complexo de Édipo já é inegável perceber o quanto a literatura e, conseqüentemente, os escritores criativos, são importantes e fundantes para a psicanálise. Além disso, "(...) Freud não só reconhecia sua dívida com os escritores como julgava ter sido superado por eles em diversos pontos". (MANGO; PONTALIS, 2013, p. 201).

Contudo, a relação do criador da psicanálise com a literatura não é permeada apenas de elogios e reconhecimento. Freud estabelece uma relação bastante ambivalente com a literatura, na medida em que, querendo a psicanálise vista e aceita enquanto ciência, também ele gostaria de ser reconhecido enquanto cientista-pesquisador.

Ora, mas não se pode deixar de notar que Freud, além de admirador e leitor ininterrupto dos escritores criativos, foi também um deles. “(...) O criador da psicanálise deve ser necessariamente sensível à linguagem, não só quando escuta a fala do paciente, mas também quando escreve para divulgar sua descoberta”. (MANGO; PONTALIS, 2013, p.220).

Freud descobre a riqueza da língua alemã, permeada por uma polissemia e cujas palavras, por vezes, apresentam uma ambiguidade constitutiva. O pai da psicanálise joga com essa possibilidade da língua de abarcar a ambiguidade em uma mesma palavra. O grande exemplo desse uso da peculiaridade da língua alemã por Freud se encontra na conceituação do que ele vai chamar de *inquietante estranheza* (*Unheimlich*).

Em “O Inquietante” (*Unheimlich*), de 1919, Freud escreve um ensaio psicanalítico e, ao mesmo tempo, de crítica literária, pois analisa o conto de E. T. A. Hoffmann, denominado “O homem de Areia”. Freud parte do conto desse escritor para elucidar – via literatura – a experiência do que ele conceitua como sendo a inquietante estranheza: “(...) o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, bastante familiar. (...)”. (FREUD, 2010, p. 331).

O estranho-íntimo que nos habita, aquele desconhecido tão conhecido, Freud nos aponta a partir da própria ambiguidade contida na palavra *Unheimlich*, que ao mesmo tempo quer dizer de algo familiar, doméstico e o seu oposto, algo desconhecido e assustador: “(...) a palavra *heimlich* ostenta, entre suas várias nuances de significado, também uma na qual coincide com o seu oposto, *unheimlich*. O que é *heimlich* vem a ser *unheimlich*; (...)”. (FREUD, 2010, p. 337).

Sigmund Freud atenta para o fato de que o *unheimlich* é tudo o que deveria permanecer oculto, mas que aparece. E é a partir desse texto, que Freud se interroga: “como o inconsciente, o que foi recaiado, esse ‘íntimo estranho’ que nos habita, consegue retornar e manifestar-se em nossa vida normal cotidiana?”. (MANGO; PONTALIS, 2013, p.86).

Freud tinha um jeito singular de escrever seus textos e cartas, usando das palavras com inteligência e criatividade. Em toda a obra freudiana, podemos encontrar as diversas facetas do pai da psicanálise: o Freud escritor criativo na tensão com o Freud pesquisador-cientista, tensionados ambos pelo Freud interpretador de sonhos.

Há nas obras freudianas a tensão contínua e interminável entre o Freud escritor e o Freud pesquisador. Entre o contador de histórias e o cientista pautado na racionalidade. Nessa tensão, o Freud interpretador de sonhos, pode ser considerado enquanto síntese possível do encontro entre o escritor e pesquisador que ele foi. (CARRO, 2015, p. 17).

Mesmo sabendo da diferença entre a linguagem literária, criativa e poética, e a linguagem psicanalítica, predominantemente discursiva, “Freud navega o tempo todo entre as duas modalidades, os dois ‘princípios’, de seu funcionamento psíquico criador: ‘poetiza’ e teoriza, descrevendo a paisagem psíquica como um escritor, e analisando-a e interpretando-a como um pesquisador”. (MANGO; PONTALIS, 2013, p. 223).

Nesse sentido, é impossível definir o que Freud fundamentalmente foi: escritor ou pesquisador-cientista? Deslocando-se constantemente entre essas facetas, ao tentarmos procurar delimitar a escrita freudiana, ela acaba sempre nos escapando.

O ‘Livro’ da psicanálise [...] não pode ser concebido apenas como a produção objetiva de um autor científico; é também obra de um escritor que trabalha com as palavras para acessar os vestígios dos desejos inconscientes que se encontram na origem de seus sonhos. A escrita dessa obra é o gesto que consuma a associação íntima de um pesquisador e um escritor à procura das fontes do sonho e dos pais perdidos; ela reaviva inscrições subjetivas e lhes dá uma sobrevivência que apenas as obras verdadeiramente escritas conquistam na pátria de suas línguas. (MANGO; PONTALIS, 2013, p. 221 e 222).

Contudo, como já dito anteriormente, Freud se definia como um cientista, pois queria que a sua descoberta – a psicanálise – alcançasse o patamar de ciência. Assim sendo, em seus relatos de casos, Freud afirmava com certa amargura que estes pareciam novelas, por não adentrarem a chamada “cientificidade”.

(...) a mim mesmo ainda me impressiona singularmente que as histórias clínicas que escrevo possam ser lidas como novelas e, por assim dizer, careçam do cunho austero da cientificidade. Devo me consolar com o fato de que evidentemente a responsabilidade por tal efeito deve ser atribuída à natureza da matéria, e não à minha predileção; o diagnóstico local e as reações elétricas não se mostram eficazes no estudo da histeria, enquanto **uma exposição minuciosa dos processos psíquicos, como estamos acostumados a obter do escritor, me permite adquirir, pelo emprego de algumas poucas fórmulas psicológicas, uma espécie de compreensão do desenvolvimento da histeria. (grifos meus).** (FREUD, 2016, p. 231).

Ora, o trecho acima dá conta de elucidar o conflito de Freud com relação à ciência e à literatura. Por mais que fale com certa consternação do fato de seus escritos de casos parecerem novelas, Freud tem de admitir que é na aproximação com a escrita literária que pode encontrar uma compreensão mais profunda do fenômeno da histeria.

Isso, pois Freud se dá conta da relação similar entre a literatura e o discurso do paciente:

Aquilo que é tido como ‘ficção’ (a obra de Shakespeare, Sófocles, Goethe, por exemplo, para citar só alguns autores caros a Freud), passa a ter o mesmo ‘peso’ do discurso do paciente (que parece ‘ficção’, mas inicialmente tido como ‘não-ficção’, através da acepção original de ‘trauma’) na clínica psicanalítica. (SOUZA, 2007, p. 7).

Em um primeiro momento, Freud, a partir da chamada “Teoria da Sedução ou do Trauma” vai pensar que o relato das histéricas é um fato que realmente aconteceu, ou seja, é uma não-ficção. Contudo, com o passar do tempo, Freud abandona esta teoria ao descobrir e admitir uma *realidade psíquica* do sujeito. Assim, ele passa a compreender o relato das pacientes enquanto ficção, permeada pelas *fantasias psíquicas*.

Os pacientes produzem não apenas relatos que parecem ‘contos’, mas também produzem propriamente ‘ficção’. [...] E a Psicanálise, por fim, acaba por acolher esta ‘ficção’ peculiar, produzida não por artistas, mas por pacientes que puderam assim – escapando do juízo de ‘mentirosos’ ou ‘simuladores’ que pesava sobre eles – contar suas histórias e serem ‘escutados’, ou seja, estas serem reconhecidas como possuindo significado. (SOUZA, 2007, p. 7).

A concepção de uma realidade psíquica do sujeito, permeada pela fantasia subjetiva, é o ponto de partida e de trabalho da psicanálise. É esta ficção relatada pelos pacientes que a psicanálise toma enquanto verdade mais profunda do sujeito. E é nisto que a psicanálise e a literatura encontram seu mais profundo laço: no trabalho com a *ficção*.

Não podemos deixar de assinalar que, se no momento inaugural da Psicanálise 'ficção' e 'não-ficção' foram aproximadas, em prol da compreensão das patologias, posteriormente esta aproximação aprofundou-se, deixando evidentes, não apenas as semelhanças, mas as íntimas conexões entre Literatura e a própria estruturação do psiquismo. (SOUZA, 2007, p. 8).

Ora, se em psicanálise sabemos da importância da ficção para que se sustente uma verdade, estamos diante de um paradoxo. Isso, pois se a verdade se constitui enquanto exercício de construção, ela não pode ser absoluta. "Ao depender da constituição de uma ficção compartilhada para sustentar uma verdade, reconhecemos que deste lado estamos no campo da falta, não do todo". (COSTA, 2015, p. 57).

A questão da memória do sujeito também nos serve para pensar na construção de uma ficção. Isso, pois entre o acontecimento e a memória do acontecimento, existe o esquecimento e a lembrança e, portanto, algo se perde e algo também se inventa.

A memória sempre trouxe dificuldades à sua representação, porque se baseia nas expressões do esquecimento. Nesse campo vivemos inúmeros paradoxos. Temos, ao mesmo tempo, 'memória curta' e impossibilidade de esquecer completamente, porque repetimos. Por um lado, não há continuidade num desenvolvimento da história no tempo, ela precisa constantemente ser reinventada. Logo, ela guarda relações íntimas com a ficção. De outro, certos 'buracos' na memória – constituintes do real impossível de representação – são a fonte mesma da repetição. (COSTA, 2015, p. 190).

Assim sendo, ao pensarmos na literatura e na fala do sujeito como ficções, retomamos a ideia de uma *crônica psicanalítica* como práxis do psicanalista na contemporaneidade em contextos da clínica grupal. E, nesse sentido, temos que compreender a *crônica psicanalítica* escrita pelo cronista também enquanto uma ficção.

Dentro da particularidade da escuta inscrita em escrita do cronista, entendemos que este capta um material grupal que por vezes escapa ao olhar do coordenador. É na escrita e pela escrita que o cronista é capaz de inscrever e transmitir algo que, de outra forma, permaneceria incompreensível. E nesta escrita particular da *crônica psicanalítica*, a literatura tem papel fundamental.

A literatura permite criar com algo que é da ordem da letra, algo que se não fosse essa circunscrição a esse campo não teria encontrado lugar de expressão. É esse enlace significativo que traz a possibilidade de se fazer passar algo incomunicável, incompreensível, algo que se perderia com o resto do corpo. (COSTA, 2015, p. 41 e 42).

A psicanálise, assim como a literatura, abarca leitores. A crônica psicanalítica é escrita por um leitor particular cuja função é inscrever sua leitura grupal via escrita. O cronista escreve uma ficção. Mas, ora, se os escritores literários escrevem ficções e o cronista também, o que será que delimita e diferencia a escrita da crônica literária da escrita da *crônica psicanalítica* – tal qual se denominou neste trabalho? A resposta está na escuta inscrita em escrita do *inconsciente* no caso da *crônica psicanalítica*.

Como estabelecer relações com campos distintos mantendo-se uma condição de *extimidade*, própria à psicanálise? Pode-se dizer que desde Freud essa proposta está colocada. **Se por um lado esse autor escreveu trabalhos inspirados em questões literárias, antropológicas e filosóficas, isso aconteceu sempre em função de uma clínica que implicava necessariamente uma referência ao inconsciente. (grifos meus).** (COSTA, 2015, p. 19).

Nesta (in)conclusão, proponho a *crônica psicanalítica* enquanto uma via de transmissão da psicanálise. E isto, a partir da compreensão de que a importância da transmissão da psicanálise está presente desde o início de sua construção por Freud.

(...) **a base da psicanálise fundamenta-se nas condições de sua transmissão.** [...] Freud, desde o início, utilizou-se de dois dispositivos com os quais entretencia sua investigação, tanto quanto transmitia psicanálise: a escrita de textos e o ensino nas análises dos analistas em formação. **(grifos meus).** (COSTA, 2015, p. 72).

O cronista, nesse sentido, está fundamentado nos dois dispositivos usados por Freud para o que é considerada a base da psicanálise: a sua *transmissão*. Isso, porque o cronista transmite a psicanálise tanto via escrita de texto (crônica psicanalítica), quanto via as leituras e releituras de seu texto pelos psicanalistas para as reelaborações constantes de suas análises clínicas dos grupos.

E como se dá a transmissão do singular, tanto quanto sua inscrição em um discurso compartilhado? Por algo que foi definido já desde Freud como forma de inscrição da experiência do inconsciente, sua construção em transferência. É pela repetição numa estrutura discursiva, situada em transferência, que se reconhece o lugar do sujeito, tanto quanto seu gozo, como um singular nessa estrutura. (COSTA, 2015, p. 17).

Desta forma, a transmissão daquilo que é singular – do sujeito na função de cronista, bem como daquilo com que a psicanálise trabalha – e sua inscrição compartilhada por diversos discursos, todos eles também singulares, é sempre a transmissão da experiência do *inconsciente*. Transmissão esta que se dá via transferência.

Assim, o cronista, ao solidarizar sua escrita, transmitindo-a para um coletivo sua experiência singular e solitária, tem em seu ato de escrita uma dimensão ética. “O ato do escritor tem uma dimensão ética, na medida em que produz inscrição de seu produto – essa condição que poderia ser a mais solitária de seu gozo – num laço discursivo compartilhado, ampliando os laços da cultura”. (COSTA, 2015, p. 67).

Para finalizar o trabalho, num movimento de inconclusão, volto à metáfora do litoral desenhado pelas ondas do mar. Pois, não seria a crônica psicanalítica a elucidação de um momento no qual neste litoral entre psicanálise e literatura, a onda do mar para, por um instante, exatamente na linha de fronteira entre os dois campos do saber?

Do litoral entre literatura e psicanálise, de uma tradição que permeia toda a obra freudiana desde o seu início, proponho ver uma constante inovação, a partir de novos encontros e laços criados entre elas. Ora, não seria a crônica psicanalítica uma possível inovação da transmissão da psicanálise,

ao mesmo tempo em que uma continuidade da tradição entre psicanálise e literatura?

A crônica, como Antonio Candido diz, é um gênero menor, pois fala do miúdo da vida cotidiana em tom coloquial, íntimo e *familiar*, a partir de uma linguagem oral, falada. Ela é capaz de revelar nos miúdos do dia a dia suas grandezas e profundidades. Candido aponta que “Graças a Deus” a crônica é um gênero menor, pois assim se aproxima de nós. Ora, nesse sentido, não seria o mesmo com a crônica psicanalítica? Ao transmitir a psicanálise por meio de uma linguagem mundana, em tom coloquial, a crônica permite à psicanálise – com uma linguagem particular e, por vezes, de difícil entendimento – ficar perto de nós.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“A dinâmica do desconhecido é imprevisível”.*

Termino meu trabalho de conclusão de curso com esta epígrafe, a fala de uma pessoa em situação de rua com a qual trabalhei durante a Pesquisa Social Participativa junto da população em situação de rua da cidade de São Paulo.

Esta fala emblemática, dita por uma pessoa em situação de rua no trabalho de pesquisador social da cidade de São Paulo durante a Pesquisa em questão, ecoou nos grupos de trabalho, sendo repetida diversas vezes por diferentes bocas. A fala teve enorme importância durante a Pesquisa e se tornou chave para a elaboração e reflexão das experiências do misterioso desconhecido, vividas por toda a equipe de trabalho.

Ora, trago esta fala aqui, ao final do meu trabalho, para dar um exemplo real e concreto a respeito da importância da *crônica psicanalítica* e do cronista dentro de um processo grupal clínico-institucional psicanalítico. Pois tal fala só pode circular pelas bocas e ouvidos de toda a equipe da Pesquisa, porque ela foi captada por um cronista, que a inscreveu primeiramente em escrita em uma *crônica psicanalítica*.

Abaixo, segue um trecho de tal crônica, a primeira escrita por mim quando trabalhei como cronista na Pesquisa em questão.

### CRÔNICA DO DIA 19/02/15

A reunião se inicia com uma apresentação de cada um dos participantes. Nesse primeiro momento, Jorge Broide já explica o papel das crônicas nos

encontros e a importância de suas crônicas, ressaltando-as enquanto material sigiloso. Ele atenta para o fato de que as cronistas não falam.

Nesse momento, me vem à cabeça o trecho de uma música da banda 5 a Seco, da qual gosto bastante:

*“Mesmo quando a boca cala o corpo quer falar”.*

Penso que ela me veio à mente, pois fiquei refletindo no quão difícil – e ao mesmo tempo interessante – é não poder falar, mas apenas registrar e escrever o que sinto e penso de tudo o que vejo e escuto, mas também daquilo que não consigo enxergar, tampouco ouvir. E mais, na árdua tarefa da escuta da escuta, em espiral, de um escutar os outros e escutar-se por meio das próprias palavras e, então, ao reler o que escreveu, re-escutar os outros e a si mesma, e assim sucessivamente.

Ora, calar a boca é mais fácil, mas como calar o corpo que responde à boca calada e quer falar? Fiquei atenta para que meu corpo pudesse ter falas tímidas, baixas, roucas...

No começo da reunião, atentou-se para as duas tarefas principais dos GTs: como montar o grupo de pesquisadores sociais; e qual será o mapeamento.

[...]

Dú (vidas) vão emergindo...

Jorge Broide diz: *“É preciso pegar a rua pulsante e colocá-la na política pública”.*

[uma pessoa em situação de rua] coloca: *“A dinâmica do desconhecido é imprevisível”.*

Durante a reunião, os moradores de rua vão revelando que se sentem capacitados para trabalhar em qualquer região de São Paulo. Vou tendo a sensação de que há algo que os une de modo visceral.

[...]

As reflexões e elaborações feitas em meu trabalho de conclusão de curso a respeito da crônica enquanto via de transmissão possível da psicanálise – ou seja, a ideia e formulação de uma *crônica psicanalítica* – permanecem em mim e, quem sabe, poderão desembocar em projetos futuros.

As relações criativas entre literatura e psicanálise, o trabalho na interface com estes dois campos do saber, com certeza irão continuar me acompanhando ao longo da minha vida profissional e pessoal.

Na busca por sentidos possíveis a encontrar a partir dessa interface, ou melhor, desse litoral entre a literatura e a psicanálise, meu desejo está em procurar na obra literária aquilo que aos psicanalistas escapa, mas que constantemente os interroga na possibilidade de elucidação de seus enigmas a partir da teoria psicanalítica.

Sabendo, contudo, que sempre haverá um *resto*, impossível de ser decifrado pela linguagem psicanalítica ao se debruçar sobre uma obra literária. E, apesar disso, entendendo ser a literatura uma via possível de trabalho analítico da psicanálise, pois como o próprio Freud nos aponta, os escritores criativos estão muito à frente de todos nós, “gente comum” no “conhecimento da mente humana”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e comentário. Ensaio sobre literatura e experiência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
2. BAREMBLITT, Gregório. **Cinco lições sobre a transferência.** São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
3. BAREMBLITT, Gregório. **Grupos: Teoria e Técnica.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª edição, 1986.
4. BLEGER, José. **Temas da Psicologia: entrevista e grupos.** Tradução Rita Maria M. de Moraes; revisão da tradução Luís Lorenzo Rivera. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 4ª edição, 2011.
5. BROIDE, Jorge. e BROIDE, Emília Estivalet. **A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções.** São Paulo: Escuta, 2015.
6. CANDIDO, Antonio. **Para gostar de ler: crônicas, vol.5.** São Paulo: Ed. Ática, 2011.
7. CARRO, Barbara Merigue. **Sonho, identificação, paternidade e complexo de Édipo na literatura fantástica: Análise do conto “As Ruínas Circulares”, de Jorge Luis Borges, em chave psicanalítica.** São Paulo, 2014/2015. Trabalho de Iniciação Científica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde.
8. COSTA, Ana. **Clinicando: escritas da clínica psicanalítica.** Porto Alegre: APPOA, 2008.
9. COSTA, Ana. **Litorais da Psicanálise.** São Paulo: Escuta, 2015.
10. COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
11. COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988.
12. FREUD, S. (1908 [1906]). **Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. RJ: Ed. Imago, 1970.

13. FREUD, S. (1908). **Escritores Criativos e Devaneios**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. RJ: Ed. Imago, 1970.
14. FREUD, S. (1919). **O Inquietante**. *Obras Completas, volume 14*. Tradução P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
15. FREUD, S. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer**. *Obras completas, volume 2*. Tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo C. de Souza – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
16. MANGO, E. G. e PONTALIS, J.B. **Freud com os escritores**. Tradução André Telles. – 1ª ed. – São Paulo: Três Estrelas, 2013.
17. MIRANDA, A. B. de et al. **Cronista: um lugar em construção – a escuta inscrita e escrita em uma função**. Correio APPOA, Porto Alegre, 2006.
18. PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 8ª edição, 2009.
19. RIVERA, Tânia. **Arte e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
20. SOUZA, Talitha Ferraz de. **Criação e sublimação: uma leitura inspirada em Freud e Ricoeur da obra de Proust *Em Busca do Tempo Perdido***. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.